

Fazendo política, contando história:
Experiências sócio-literárias de um barão
amazônico e seus Motins Políticos - 1865-1890

Luciano Demetrius Barbosa Lima*

Magda Ricci**

Resumo: Este artigo almeja analisar as experiências sócio-literárias que envolveram o processo de produção da obra *Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Elaborado pelo historiador Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará), esse livro sofreu influências de experiências intelectuais e políticas, aspectos pouco conhecidos para o entendimento tanto da elaboração do referido estudo, como das relações do Barão com o pequeno círculo letrado brasileiro em finais do século XIX.

Palavras chaves: Amazônia; motins políticos; historiografia.

Abstract: This article aims to analyze the socio-literary experiences involving the production process of the book *Political Riots or history of the main political events in the Province of Pará from 1821 until 1835*. Elaborated by the historian Domingos Antonio Raiol (Baron of Guajará), this book was influenced by intellectual and political experiences, little-known aspects to the understanding both of the development of the study and the acquaintances of the Baron with a small the Brazilian literary circle at the end of nineteenth century.

Keywords: Amazon; political riots; historiography.

Se a articulação entre a política, a história e a literatura já renderam muitos livros de história fundamentais para o estudo de movimentos sociais, como a Revolução Francesa ou Americana¹, a história destes círculos políticos e literários e das obras que por eles circulavam no Brasil Imperial ainda é tímida, sobretudo fora de grandes centros como a Corte carioca ou a cidade de São Paulo.²

Este estudo pretende contribuir para minimizar esta carência. Analisar obras como *Motins políticos* do barão de Guajará é, simultaneamente, entender a junção entre a literatura e a política, entre a cultura letrada imperial na Amazônia da segunda metade do século XIX e os problemas sociais e de formação de identidade nacional ali expostos.

Ao longo das últimas décadas do século XIX – época de riqueza e prosperidade durante as glórias econômicas e urbanísticas da época da borracha na Amazônia – Domingos Antônio Raiol dedicou muitos anos de sua vida à escrita de uma obra referente ao passado amazônico do primeiro reinado e Regência. Contudo, pouco se conhece sobre as relações intelectuais, além da aquisição de métodos e idéias que permearam a mente desse autor, e que tiveram influência na elaboração de seu livro intitulado *Motins Políticos*.

Domingos Antônio Raiol foi um dos mais conhecidos políticos liberais do Brasil Imperial e, certamente um destacado político e intelectual de sua geração no Norte do Brasil. Nascido em Vigia no Grão-Pará, ainda criança viveu a Cabanagem e se tornou órfão, sendo criado, já em Belém, no seio da família Souza Franco. Na capital do Estado do antigo Grão-Pará Raiol estudou no Liceu Paraense. Mais tarde, em 1849, seguiu para Pernambuco onde se formou Bacharel na área de Ciências Jurídicas e Sociais em 1854, pela Faculdade de Direito de Pernambuco. Além disso, “durante dois anos, exerceu a advocacia em Belém no escritório de Bernardo de Souza Franco”³, seu padrinho de criação e também o influente primeiro presidente da província do Pará nomeado após a contenção dos cabanos em 1839. Esta associação com Franco, da qual Raiol tornou-se uma espécie de “protegido”, também lhe rendeu frutos em sua posterior carreira política e intelectual.

Monarquista convicto, Raiol teve uma intensa vida política que extrapolou os limites das províncias do norte do Brasil. Durante o segundo reinado, sempre militando nas fileiras dos liberais, tornou-se “deputado à Assembléia Geral (1863-1866), fazendo parte da primeira

comissão de orçamento”.⁴ Por indicação imperial, foi presidente das províncias de Alagoas (nomeado em 1882), Ceará (nomeado em 1882) e São Paulo (nomeado em 1883). Ele exerceu também as funções de promotor público “nomeado para a capital em 1856”,⁵ procurador dos feitos da Fazenda Nacional no Pará e “vice-provedor do collegio N. S. do Amparo em 1881”.⁶ Ao longo de toda sua trajetória política e profissional Raiol nunca deixou de escrever obras históricas, sendo que sua maior foram seus cinco tomos sobre os motins políticos ocorridos na província paraense entre os anos de 1820 e 1830. No ano de 1883, em razão de seus serviços (políticos e intelectuais) a favor do Império, foi agraciado com o título nobiliárquico de Barão de Guajará.

A partir dessas considerações, o entendimento do contexto sócio-intelectual vivenciado por esse estudioso, durante o processo de produção do livro *Motins Políticos* constitui em um bom tema para um artigo por várias razões. Primeiramente porque o político liberal Raiol teve uma vida e trajetória significativa para estudos da história social, participando de mudanças políticas e sociais desde o movimento cabano de 1835 até a proclamação da República e suas crises nos anos de 1889 até sua morte em 1912.

Neste contexto, sua obra torna-se inseparável de seu percurso pessoal. Para, além disso, é relevante estudar os escritos de Raiol devido à sua importância para a historiografia amazônica contemporânea e posterior, essencialmente para a historiografia que se dedica sobre a primeira metade do século XIX e mais precisamente aqueles que analisam o movimento cabano. Além disso, embora os textos – e especialmente os documentos – localizados por Raiol tenham sido citados e enfocados em diversas obras,⁷ nenhuma investigação mais sistemática foi realizada sobre as concepções que influenciaram na elaboração desse livro. O que se conhece de *Motins Políticos* normalmente corresponde a análises que se utilizam desse estudo em sua superficialidade, repetindo a descrição dos “eventos” e “heróis” citados pelo autor hora para corroborá-los hora para criticá-los. Por isso – mesmo com a existência de uma variada gama de trabalhos com enfoques diretos ou indiretos sobre os textos do Barão – é possível verificar lacunas que podem ser mais bem trabalhadas.

Assim, o objetivo desse artigo será empreender um estudo sobre as interações de Domingos Antônio Raiol com a intelectualidade,

associações, livros, métodos e pensamentos que circulavam em seu tempo. A investigação sistemática sobre a apreensão de um referencial teórico e metodológico por esse político e historiador consiste em um trabalho amplo, pois para compreender suas ligações com alguns integrantes da intelectualidade paraense e brasileira da época, esse estudo vê-se obrigado a adentrar em sua formação, leituras e inserção nos círculos e associações intelectuais no Pará e no Rio de Janeiro, durante as últimas décadas da monarquia e início da república.

Escrito em um longo espaço de tempo, o texto de *Motins Políticos* esteve imerso nos “jogos de poder” da política Imperial, de sua sociedade, e, intelectualmente, inserido dentro da interação de seu autor com salões, livros, jornais e concepções. Para compreender melhor este processo, este artigo propõe-se a analisar a relação entre o universo político e social de Raiol e a produção de seus *Motins Políticos*.

Ainda é preciso considerar que, metodologicamente, as percepções inseridas na obra desse autor tratam da sociedade e da história da Amazônia de dentro para fora e vice-versa. Isto porque, apesar de Raiol ser paraense, de certa forma os escritos dos *Motins Políticos* foram idealizados a partir de certa exterioridade do autor. Chamo a atenção para o fato de que boa parte dos textos escritos pelo Barão de Guajará foi elaborada e publicada fora do Pará. Raiol descreveu diversas características dessa região em momentos no qual se encontrava, pelos afazeres políticos, em províncias distantes como Rio de Janeiro, São Paulo ou Fortaleza.

É preciso também assinalar que uma das vantagens de uma pesquisa como esta, caracterizada pela aproximação entre a história social com a intelectual, consiste em revelar as variadas dimensões das mudanças ocorridas nas concepções de pessoas como Raiol ao longo do tempo. É curioso perceber que muitos intelectuais contemporâneos ou posteriores ao Barão, criaram uma imagem “estática” e “superficial” do pensamento de Raiol, como se suas idéias político-sociais não sofressem transformações ao longo das quase três décadas em que publicou os tomos de *Motins Políticos*. Assim, o tópico a seguir apresentará alguns elementos sobre o processo de formação desse autor e as concepções que ele teve contato no período.

A formação em Pernambuco

No final da década de 1840, em pleno segundo reinado, um jovem paraense chamado Domingos Antônio Raiol, sobrevivente das lutas político-sociais da Cabanagem, conseguia ingressar em um curso superior. Embora não tenha se tornado uma “figura reconhecida nas universidades brasileiras como fora seu amigo e conterrâneo José Veríssimo”,⁸ ou mesmo não tenha obtido os “elogios narrativos de Inglês de Souza”,⁹ Domingos Antônio Raiol se constitui num destacado expoente da inteligência paraense ou mesmo nacional de seu tempo, fazendo parte de uma geração de intelectuais do Norte, que na segunda metade do século XIX, empreenderam seus estudos na Faculdade de Direito de Olinda.

Criados por meio da Carta de Lei implementada pelo Imperador D. Pedro I, de 11 de agosto de 1827, “que versava sobre a formação de dois centros dedicados ao estudo do direito no país”¹⁰ os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, um em Pernambuco e outro na província de São Paulo, visavam “atender às diferentes partes do país”.¹¹ As Faculdades de Direito simbolizavam a oportunidade dos filhos da elite em fazer um curso que os habilitassem nas leis e na constituição recém criada. Era, portanto fruto dos ideais ilustrados e de suas práticas.

Em suas primeiras décadas, a Faculdade de Direito de Olinda, esteve marcada pela influência do sentimentalismo e subjetivismo, que “tomou ascendência na época romântica”.¹² Após 1870, as atividades de um grupo de estudiosos, entre os quais faziam parte nomes como Silvio Romero e Tobias Barreto, foram responsáveis pela geração formadora da “Escola do Recife”, um dos mais conhecidos movimentos intelectuais brasileiros do segundo reinado, que contribuiu para a difusão no país de ideários científicos como o positivismo, o darwinismo e o evolucionismo, pensamentos que ajudaram a valorizar as “noções de raça e natureza com o fim de dar fundamentos ‘objetivos’ e ‘imparciais’”.¹³

A lógica que caracterizou a difusão do pensamento cientificista por esse movimento pode ser sintetizada através das opiniões de Silvio Romero, para quem todo intelectual tinha de “preencher uma dupla função: (...) saber do que vai pelo mundo culto, isto é, entre aquelas nações européias (...) e incumbe-lhe também não perder de mira que escreve para um povo que se forma”.¹⁴

Apesar da denominação “escola” para esta “agitação intelectual” iniciada na cidade do Recife é fundamental ressaltar que não existia unidade de pensamento entre os seus participantes, pois cada um deles recebeu e difundiu idéias de variados “autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon e Gobineau, entre outros”,¹⁵ muitas vezes divergentes, mas que se constituíam como novidades de pensamento no cenário nacional.

Foi nessa Faculdade estabelecida inicialmente na cidade de Olinda, e posteriormente remanejada para Recife, cujo conhecimento do “latim e do francês era considerado um instrumento indispensável para o estudo do Direito”,¹⁶ que Domingos Antônio Raiol obteve no ano de 1854 sua formação em Bacharel na área de Ciências Jurídicas e Sociais.

Mesmo tendo concluído sua formação sob a luz do pensamento romântico, cujo “maior impulso foi nos primeiros anos do reinado do segundo Imperador”,¹⁷ Raiol não se absteve posteriormente das idéias científicas difundidas a partir de Pernambuco, apresentando em muitos momentos da narrativa da obra *Motins Políticos*, que iria começar a ser elaborada alguns anos depois, concepções próximas tanto do sentimentalismo e subjetivismo romântico, como também dos pensamentos disseminados a partir da “Escola de Recife”.

Na década de 1850, logo após ter encerrado seus estudos em Pernambuco, Raiol retornou à cidade de Belém, espaço que ainda não representava o que viria a ser nas últimas décadas do século XIX, a saber, um dos mais prósperos centros econômicos e culturais brasileiros, particularmente em razão da economia exportadora do látex. Naquele contexto, em que a economia paraense começava a dar seus primeiros sinais de crescimento, esse jovem bacharel em direito iniciava suas atividades de funcionário público e advogado.

No início da década de 1860, após ter sido eleito deputado, Raiol passou a freqüentar mais sistematicamente a capital do Império, tornando-se um participante ativo tanto no Pará como na Corte, de espaços onde ocorriam debates políticos, científicos e “escritores recitavam e discutiam suas obras, como também se estabeleciam cumplicidades na rivalidade com outros grupos”.¹⁸ Além disso, no Rio de Janeiro, parte dos ex-alunos das faculdades de São Paulo e Recife “vinham publicar seus livros e realizar-se literariamente”,¹⁹ pois na Corte, um jovem portador de algum talento intelectual, possuidor de contatos

importantes e de muito prestígio sócio-econômico, poderia angariar sem muitas dificuldades algum sucesso no mundo das letras, através da publicação de livros, artigos ou atuando em colunas de jornais.

Assim, o fato de possuir o “maior mercado de trabalho para os homens de letras, que encontravam alternativas no ensino, na política e no jornalismo”²⁰ contribuía para que o Rio de Janeiro atraísse os principais representantes da intelectualidade de outras partes do Brasil, como Norte e Nordeste, que muitas vezes não tinham oportunidades em suas regiões de origem.

José Veríssimo, outro paraense que se mudou do interior da Amazônia para a Corte, demonstrava ter conhecimento da restrita elite intelectual existente no país durante a monarquia ao expressar que os “poucos (...) livros entre nós publicados (...) o foram por sujeitos abastados e dados às letras, ou por funcionarios bem remunerados pelo Estado ou que enfim, se viram em condição privilegiada para fazel-o”.²¹ Entre os principais representantes dessa elite, Veríssimo ressaltava os nomes do “Visconde de Porto Seguro, Pereira da Silva, Norberto Silva, Candido Mendes, Raiol, Couto de Magalhães, Caetano da Silva e outros”,²² integrantes dos pequenos grupos de letrados existentes no Império.

No mesmo contexto da década de 1860, em que se envolvia na atividade política, Raiol começava a elaborar aquele que seria o seu maior desafio intelectual, reconstituir a história dos diversos “motins” deflagrados na Amazônia entre as décadas de 1820 e 1830. A realização dessa obra intitulada *Motins Políticos*, que iria de fato caracterizar a “estréia auspiciosa de Domingos Antônio Raiol, no campo vasto das letras históricas”,²³ se constituiu em tarefa árdua, demandando aproximadamente 25 anos (1865-1890), na pesquisa e publicação de cinco tomos. De acordo com o Barão, esse estudo seria dividido em três partes:

A primeira compreende os sucessos ocorridos desde a convocação das Côrtes gerais em Portugal até a proclamação da Independência do Brasil. A segunda compreende os sucessos ocorridos desta época em diante até a abdicação de D. Pedro I. A terceira, enfim, compreende os sucessos que tiveram lugar desde a revolução de 7 de Abril de 1835.²⁴

Por meio dessa subdivisão, Raiol discorreu sobre o período que considerava o “mais importante da história política da província do Pará, quando nela se tornaram mais freqüentes as convulsões populares”.²⁵ Através da investigação desses acontecimentos, ele objetivava “compreender – a partir dos jogos da política e dos políticos imperiais – os erros e acertos que teriam levado a Amazônia, em especial o Pará a querer separar-se do Brasil e depois se associar a ele novamente”.²⁶ Essa obra, além dos eventos políticos e sociais presentes, representou também os percalços e experiências pessoais de seu autor em seu longo processo de escrita e publicação dos respectivos volumes.

Nos anos subseqüentes, ao mesmo tempo em que iniciava a elaboração de *Motins Políticos*, interagiu cada vez mais com salões e associações em Belém e no Rio de Janeiro, onde se concentrava boa parte dos membros do restrito círculo intelectual imperial, como será observado no próximo tópico.

Contatos intelectuais e a continuidade da escrita de *Motins Políticos*

Durante os prósperos anos de 1870 a 1890, o impulso econômico gerado pelas exportações da goma elástica, foi responsável por promover as “bases das sociedades identificadas com a *Belle Époque* amazônica, quando as elites do Pará e do Amazonas – favorecidas pela crescente aplicação da borracha na indústria automobilística – ganham visibilidade nacional e internacional”.²⁷ Nesse contexto, nasceria na Amazônia uma pequena, mas atuante elite letrada possuidora de uma vida cultural caracterizada por almejar acompanhar o desenvolvimento sócio-econômico da região e aproximá-la das nações consideradas “civilizadas”.²⁸ Essa intelectualidade regional, preocupava-se, sobretudo em apagar diante do Império que se estruturava melhor a mácula da Cabanagem e em buscar meios – como a abertura do Amazonas à navegação internacional –²⁹ que pudessem levar a região a progredir dentro da paz imperial de D. Pedro II. É no seio desta elite, de suas relações políticas com o Império, com o perigoso mundo dos escravos

de origem africana em Belém e o nascente emancipacionismo,³⁰ com a Guerra do Paraguai que pouco mais tarde explodiria, pode-se perceber o berço do pensamento político e intelectual de Domingos Antonio Raiol. Ele nasceu na Cabanagem, estudou na penúria do que se seguiu a ela e tornou-se um intelectual respeitado e um político prestigiado no momento em que a economia Amazônica dava sinais de se tornar muito próspera com a borracha e que o mundo da escravidão africana sucumbia.

Assim, ao mesmo tempo em que o comércio da borracha ganhava gradativamente relevância no exterior, o desenvolvimento cultural de Belém podia ser observado entre outros aspectos pelo surgimento de inúmeras casas de diversão e encontros intelectuais como o “Café Chic, Café da Paz (local preferido de reuniões para discussão política), Moulin Rouge, Chat Noir, Café Madri e Café Riche”.³¹

Nesses espaços, as relações intelectuais entre os membros das elites amazônicas, nas quais Raiol possuía um papel cada vez mais incisivo, misturavam muitas vezes reflexões e discussões que envolviam áreas variadas como: literatura, poesia, história, ciência e política, gerando muitas vezes opiniões inusitadas e escritos que caracterizam Raiol como um autor “polígrafo”³² preocupado com o desenvolvimento da produção literária no Pará.

Uma interessante situação para a compreensão desses aspectos ocorreu em 1868. Naquele momento, quando Raiol ainda iniciava seu caminho intelectual e institucional, ele demonstrou suas preocupações com o futuro da produção artística no Pará. Através de um texto de sua autoria, publicado no prefácio da obra "Monodias" de Vilhena Alves, Raiol culpava os efeitos danosos da atividade política como supostamente responsáveis por impedir a revelação de novos escritores e poetas no Pará:

Entre nós ainda pouco se cuida de ilustrar o espírito; o brilho do renome domina talvez menos do que o ouro. Há mais de 200 anos que vivemos e quais são os homens que se têm enobrecido por trabalhos literários? Todas as províncias têm tido, mais ou menos, seus juriconsultos, seus publicistas, seus poetas. Mas o Pará, até hoje, que nome oferece, a par de Dirceu, Magalhães, Dias e

outros? A política, a infernal política, absorve tudo no império; é uma verdadeira esponja, que embebe todos os talentos.³³

O trecho escrito por Raiol, inserido em uma obra de poesias, se constitui num documento importante por vários motivos. Primeiramente por revelar outra faceta desse intelectual, quase sempre observado em seus papéis de político e historiador, mas que também era mais do que simpático à literatura e à poesia. Além disso, ele permite verificar as relações do Barão de Guajará com a intelectualidade paraense de seu tempo, independentemente da opção artístico-literária. E, por fim, deixa transparecer a insatisfação desse autor com as supostas conseqüências negativas do monopólio da atividade política em relação à produção intelectual paraense e brasileira.

Apesar de adotar uma postura crítica aos efeitos asfixiantes da política sobre a atividade intelectual em Belém, Raiol atuava como político durante boa parte do seu tempo. Ferreira Penna expressa que ele, por vezes interrompia “a continuação dos seus *Motins Políticos do Pará*”, por conta de “comissões políticas e administrativas a que tem sido chamado”.³⁴ Além disso, mesmo se opondo os supostos “impactos danosos” da atividade política para a produção literária, histórica e poética paraense, ele percebia a relevância do papel de pessoas como os historiadores e poetas, especialmente no mundo político. Isto pode ser notado em uma nota citada pelo Barão na obra *Motins Políticos*:

Quem quer que for bom historiador deve ter uma dessas duas principais qualidades: ser político ou poeta em que fala Felinto Elisio - homem que vive de medir linhas curtas e compridas, mas poeta d' alma e de sentimento, escreva prosa ou verso, chame-se Schiller ou Chateaubriand, Homero ou Platão.³⁵

Acreditando que as atividades de historiador e político eram complementares, Raiol reforçava por meio dessas palavras que as narrativas sobre o passado não deveriam ser produzidas apenas com objetivos de elaborar textos que reunissem fatos que atendessem a

perspectivas políticas, sociais e ideológicas específicas, mas que também fossem permeadas pelos “sentimentos”, “elegância” e “sutileza” presentes muitas vezes na poesia e na literatura ficcional. Além disso, o fato de Raiol utilizar poesias como forma de legitimar suas opiniões deixa transparecer duas perspectivas aparentemente distintas, mas que interagem entre si. Primeiramente, ajudava a reafirmar o estilo ilustrado de sua escrita entre os membros da sociedade intelectualizada na época, e por último, consistia em demonstrar pensamentos e leituras, pertencentes a áreas diversas, que este historiador tinha acesso.

Ainda que se envolvendo com as atividades de político e historiador, Raiol manteve-se constantemente presente em eventos, associações e salões, que mesclavam atribuições intelectuais e políticas, como por exemplo, durante o episódio da fundação em “7 de setembro de 1879”³⁶ da “*Sociedade 15 de Agosto*, cuja finalidade cívica era festejar anualmente a adesão do Pará a independência nacional”,³⁷ e que “participava ativamente dos festejos comemorativos”³⁸ desse acontecimento.

O processo de formação e organização dessa sociedade teve a participação direta de Raiol, que se constituiu em uma de suas lideranças e referências. A sessão inaugural da *Sociedade 15 de Agosto* ocorreu no “solar da família Raiol (...) a uma hora da tarde, ali estavam reunidos os cidadãos: Domingos Raiol, José Henriques Cordeiro de Castro, Manuel Roque Jorge Ribeiro, Bernardino de Sena Lameira, Joaquim Vitorino de Sousa Cabral, José Antônio Ernesto Pará Assu”³⁹ entre outros. Essa sociedade, que tinha em Raiol a figura do “pioneiro da idéia de fundação daquele centro cívico”,⁴⁰ não se limitava aos encontros realizados em ambientes fechados, na “noite de 14 de agosto, véspera do magno acontecimento, costumava a sociedade realizar uma grande procissão cívica, que percorria diversas ruas de Belém”.⁴¹ Além dessas ações, é válido salientar que essa sociedade teve como “primeiro presidente (...) o historiador Domingos Antônio Raiol, mais tarde agraciado com o título de Barão do Guajará”,⁴² que no momento inaugural da mesma, pronunciou as seguintes palavras:

No altar da Pátria, devem calar as paixões partidárias que amesquinham os espíritos para dar lugar aos impulsos generosos do patriotismo que engrandecem os sentimentos. No banquete social

em que a família paraense se reúne para festejar o primeiro dia de sua vida política, há e deve haver assento para todos os patriotas.⁴³

O trecho do discurso expressado por Raiol em 1879, momento no qual o Império brasileiro já convivia com críticas dos movimentos: abolicionista e republicano, se constitui em um indicativo de que muitas das associações, criadas nos salões freqüentados pela elite do país, não possuíam objetivos unicamente intelectuais, mas também adequavam-se aos anseios políticos específicos de seus participantes.

Raiol, que vivenciava na época o auge de sua carreira política pelo Partido Liberal, aproveitava os vários encontros para reverenciar o regime Imperial e, ao mesmo tempo, tentar através das comemorações do dia “15 de Agosto” (no Pará), data correspondente à Adesão da província à monarquia brasileira, apaziguar a crescente oposição ao governo de D. Pedro II que se formava em solo paraense, pois naquele período já eram comuns a ocorrência de diversas “polêmicas e disputas entre os vários agrupamentos políticos”⁴⁴ no Pará, favoráveis ou não ao Governo de D. Pedro II, embora na cidade de Belém, o primeiro clube republicano só fosse fundado oficialmente em “11 de abril de 1886”.⁴⁵

O apoio de Raiol ao movimento destinado a homenagear o dia “15 de Agosto” não foi bem recebido por muitos membros da intelectualidade da época. José Veríssimo, responsável já naquele contexto pela realização de algumas críticas à monarquia, afirmou em sua obra *Estudos Brasileiros* que através dessa data o...

“Pará fez apenas papel de méro figurante – e ainda assim, sinão a contragosto, um pouco obrigado – na comedia politica que representava o paiz – comedia pela qual não tenho a minima admiração, como tambem não a tenho pelos protagonistas, que pelos comparsas”.⁴⁶

Raiol parecia não se abater com essas críticas, e, no início da década de 1880 aproximava-se cada vez mais do regime monárquico e do próprio D. Pedro II. Naquele contexto, esses encontros e reuniões envolvendo intelectuais, eram possivelmente facilitadores dessa convivência, pois os realizados no Rio de Janeiro envolviam os altos

figurões da Corte e até possivelmente o próprio Imperador, que além de “mecenas da ciência”⁴⁷ e ativo “freqüentador de exposições, expedições e reuniões de cunho científico”,⁴⁸ também se constituía num assíduo participante de:

Salões literários, alguns de caráter essencialmente mundano, com grande pompa e luxo; outros mais modestos; todos refletindo, porém, a influência européia. (...) Se havia barões e condes de poucas letras, a grande maioria da nobreza imperial era de homens cultos, amigos das artes e da literatura.⁴⁹

É difícil precisar o dia a dia de Raiol neste meio intelectual e literário. Afora sua inclusão na lista de Veríssimo, pouco sabemos, por exemplo, sobre a proximidade entre Raiol e D. Pedro II. O que é certo é que algum prestígio deveria existir, já que Raiol passou a receber Mercês e nomeações do Imperador entre finais da década de 1870 e início dos anos de 1880. Pedro II o nomeou consecutivamente para a presidência de três províncias e o congratulou com o título nobiliárquico de Barão de Guajará, consolidado por meio da seguinte Carta:

Dom Pedro, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, faço saber aos que esta Minha Carta virem que, querendo distinguir e honrar o Bacharel Domingos Antônio Raiol: Hei por bem fazer-lhe mercê do título de Barão de Guajará. E quero e mando que o dito Bacharel Domingos Antônio Raiol daqui em diante se chame Barão de Guajará e que com o referido título goze de tôdas as honras, privilégios, isenções, liberdades e franquezas que hão e têm, e de que usam e sempre usaram os Barões, e que de direito lhe pertencem. E por firmeza que dito é, lhe mandei dar esta Carta a qual será selada com as Armas Imperiais.⁵⁰

Embora fosse notório que a concessão de um título nobiliárquico no Império do Brasil envolvesse altos valores econômicos na época e as “cartas de mercês para títulos de tratamento”,⁵¹ como a presente acima,

“custavam pequenas fortunas”,⁵² a aquisição da “mercê honorífica” de Barão de Guajará, pouco era vislumbrada por parte de Raiol a partir de seus custos. Assim, evidentemente Raiol tinha conhecimento da dificuldade que um intelectual ou político da região Norte possuía para adquirir alguma forma de titularidade nobiliárquica, pois segundo Arthur César Ferreira Reis na “Amazônia os integrantes da vida política, social e econômica vinham sendo tratados sem a devida consideração, não tendo merecido a homenagem pública do imperador, apenas se lhes fizera em número bastante reduzido”.⁵³ Além disso, na perspectiva de Raiol, caracterizada por acreditar na “aristocracia como o governo dos melhores”,⁵⁴ a condição de Barão de Guajará representava uma grande “honra”, não apenas por aproximá-lo de D. Pedro II, como também pela mesma simbolizar uma forma de “recompensa aos serviços prestados a pátria”,⁵⁵ ocasionando uma vitória importante nos campos intelectual, social e político.

Socialmente, o Barão do Guajará abria novas possibilidades de contatos e amizades mais próximos com as elites da Corte. No aspecto político, o prestígio de Domingos Antônio Raiol se tornou ainda mais evidente, principalmente na região Norte, que contava com pouquíssimas pessoas portadoras desses títulos; e no âmbito intelectual, o acesso aos salões, associações e círculos letrados ficava ainda mais facilitado.

Naqueles espaços, Raiol não se constituía apenas em mero freqüentador, ele também possuía um papel ativo tanto na capital do Império, onde funcionava, por exemplo, o salão do paraense “jornalista e escritor Inglês de Souza, na Rua São Clemente”,⁵⁶ quanto em sua residência localizada no centro de Belém, um dos principais pontos de reuniões da sociedade paraense no período. Habitualmente reuniam-se em “datas familiares, provinciais e nacionais, os titulares do Império aqui residentes, as famílias nobres daquele tempo, homens cultos, parlamentares de prestígio, médicos, advogados, sacerdotes, militares”⁵⁷ entre outros. Foi nesse ambiente caracterizado pela intensificação de encontros e reuniões envolvendo a “boa sociedade” regional ou nacional que Domingos Antônio Raiol deu continuidade a escrita e publicação dos sucessivos tomos da obra *Motins Políticos*, inserindo possivelmente muitas das idéias debatidas nesses ambientes sociais em seu texto.

O sucesso da narrativa de *Motins Políticos* no seio das elites letradas foi significativo, pois já em 1885, momento no qual o Barão de Guajará ainda não havia publicado o último tomo desse estudo, José Veríssimo expressava que todo “escriptor que enceta uma obra do gênero d’aquella do Sr. Raiol contráe com o publico uma obrigação moral de, salvo caso de força maior, leval-a ao cabo. Este incontestavel preceito de alta moralidade litteraria, não o desconhece o Sr. Raiol”.⁵⁸

Alguns anos após essas frases de Veríssimo, a República era iniciada no Brasil e a vida intelectual, até então sob hegemonia da corte sobre as demais províncias, aspecto resultante “em parte da centralização política”,⁵⁹ começava a sofrer uma ruptura significativa. Durante o episódio de proclamação da República no Pará, a residência do Barão de Guajará, antigo “palco” de várias reuniões e encontros envolvendo a intelectualidade paraense, também se constituiu num espaço importante, pois serviu de refúgio para o último presidente provincial no Pará, Silvino Cavalcante, que durante o desenrolar dos acontecimentos que originaram a República em Belém, foi “cavalheirescamente acompanhado de Paes de Carvalho, supremo Chefe Republicano, desembargador José de Araújo Roso Danin, juiz de direito efetivo da capital, e de Joaquim Vitorino de Sousa Cabral, (...) hospedar-se no sobrado do velho liberal Domingos Antônio Rayol, Barão do Guajará”.⁶⁰

Contemporaneamente ao início da República no Brasil, Domingos Antônio Raiol publicava o último tomo de *Motins Políticos*, obra que expressava vivamente o ar dos debates, ações e discussões político-sociais vivenciadas no dia-a-dia por seu autor. Ademais, muito além de encontros intelectuais, essa narrativa do Barão de Guajará foi originada a partir do contato com livros e periódicos diversos, como será visto no próximo tópico.

Um Barão entre livros e jornais

Predominantemente lembrado como o autor de *Motins Políticos*, Raiol não se restringiu durante o processo de elaboração dessa obra a participação em eventos de cunho intelectual e político. Além do envolvimento direto com a “boa sociedade”, esse autor também teve participação em diversos órgãos de imprensa em Belém, se constituindo, de acordo com o *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1867), em um

“distincto collaborador da imprensa periodica, tem publicado muitos e conceituosos artigos nos jornais de sua provincia”⁶¹ escrevendo colunas ou artigos em periódicos como:

Diário de Belém, o Liberal, A Província do Pará, o Diário de Notícias e o Diário do Gram - Pará, bem como os que deixou no precioso espólio das Revistas locais de seu tempo (Revista da Sociedade de Estudos Paraenses - Tipografia do Diário Oficial, Pará, 1894 - a cujo corpo redacional pertenciam vultos da envergadura de Vilhena Alves, João Branco Pinheiro, Antônio Passos de Miranda Filho, Marcos Antônio Nunes e Bertino de Miranda Lima; A Revista - Magazine Ilustrado (...) de quem eram expressivos colaboradores Fran Pacheco, João de Deus Rêgo, Paulino de Almeida Brito, João e Antônio Marques de Carvalho, Barroso Rebelo, Acrísio Mota, Frederico Rhossard, Guilherme de Miranda, Teodoro Rodrigues Augusto Corrêa Pinto, Cantidiano Nunes e outros; e Revista Amazônica (...) uma das melhores que já circularam nesta terra, cuidando de ciência, arte, literatura, filosofia, viagens, economia e política, e da qual o grande José Veríssimo foi um dos operosos diretores, ao lado de Clementino José Lisboa, Joaquim Inácio Amazonas d'Almeida, José Cardoso Coimbra e Dr. Paes de Carvalho.⁶²

A produção sistemática de colunas, resenhas e artigos por parte de Domingos Antônio Raiol em jornais e periódicos, como por exemplo, na *Revista da sociedade de estudos paraenses*, “impressa nas oficinas do Diário Oficial”,⁶³ na qual o Barão publicou alguns volumes do estudo: *Um capítulo da história colonial do Pará*,⁶⁴ funciona como um indicativo das conexões desse autor em conjunto com uma pequena elite letrada de Belém, quanto à difusão das concepções científicas em voga no período.

Vale ressaltar que a imprensa paraense teve um relevante papel no plano intelectual da região em finais do século XIX, constituindo-se em um dos espaços de “desenvolvimento da cultura e literatura, agasalhando

entre os seus redatores e colaboradores, o que havia de melhor na elite cultural da terra, nomes que chegaram a alcançar grande projeção na vida política, científica e nas letras do Pará”.⁶⁵ Essa experiência em associações político-culturais, publicação de colunas e artigos em jornais e revistas foi relevante para o crescimento da “bagagem” intelectual de Domingos Antônio Raiol no meio social regional e nacional de sua época, pois aproximou esse autor paraense de outros intelectuais, favorecendo sua penetração no seletivo grupo letrado que existia no país durante o Império.

Outra consequência dessa interação de Raiol com escritores, poetas, historiadores e jornalistas foi o contato com uma grande variedade de obras que circulavam no Brasil durante as últimas décadas do século XIX. Aspecto que se refletiu nas páginas de seu livro *Motins Políticos*. Assim, outro meio encontrado pelo Barão de Guajará para conhecer as novas idéias em circulação foi o acesso a uma variedade de leituras difundidas no Brasil da segunda metade do século XIX, portadoras de concepções políticas, sociais e filosóficas, grande parte delas originárias da Europa e de difícil acesso.

Ao inserir na narrativa de *Motins Políticos* pensamentos sociais e políticos que acreditava serem os mais apropriados para explicar o processo de lutas e rivalidades que haviam abalado a Amazônia entre as décadas de 1820 e 1840, o Barão de Guajará expressava a experiência de leituras e estudos em uma bibliografia composta de autores nacionais e estrangeiros que simbolizavam o conhecimento científico de seu tempo. Dessa forma, Raiol pode ser considerado um típico representante dessas elites políticas e intelectuais, imperial e republicana nos últimos anos do século XIX e início do XX. Além das relações político-pessoais que conservava com a “boa sociedade”, procurava manter-se constantemente atualizado com as novas idéias e escritos em voga no período, se constituindo num assíduo leitor e conhecedor do pensamento europeu e nacional de *fin du siècle*.

Informado sobre os trabalhos científicos, históricos e literários publicados, Domingos Antônio Raiol acompanhou de forma intensa a difusão de novas concepções políticas e sociais, apresentando no livro *Motins Políticos* opiniões que demonstravam essa perspectiva.

A diversidade e quantidade de obras citadas em seus estudos pode ser considerada um indicativo dessa interação, ao reunir uma grande

multiplicidade de livros pertencentes a autores ligados a temas regionais, nacionais, dicionários, enciclopédias etc. Como pode-se observar na tabela a seguir:

**Autores, títulos e tipologia de algumas obras citadas por Raiol em
Motins Políticos**

N.º	AUTOR	OBRA	CATEGORIA
1	Antônio Ladislau Monteiro Baena	<i>Compêndio das Eras da Província do Pará e Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará</i>	Est. regional
2	Bernardo Pereira de Berredo	<i>Anais históricos do Maranhão</i>	Est. regional
3	Francisco de P. Brito	<i>Juízo sobre a corografia paraense de Inácio Acioli de Cerqueira</i>	Est. regional
4	Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva	<i>Corografia Paraense ou Descrição Física, Histórica e Política da Província do Gram-Pará</i>	Est. regional
5	Ferreira Pena	<i>O Tocantins e o Amapá</i>	Est. regional
6	José Veríssimo	<i>Scenas da Vida Amazônica</i>	Est. regional
7	Abreu e Lima	<i>Compendio da historia do Brasil</i>	Est. nacional
8	Manuel Joaquim de Menezes	<i>Exposição histórica da Maçonaria no Brasil</i>	Est. nacional
9	Pereira Leal	<i>Correção à história do Brasil</i>	Est. nacional
10	Tavares Bastos	<i>Cartas do Solitário</i>	Est. nacional
11	A. J. Macedo Soares	<i>Liberdade religiosa no Brasil</i>	Est. nacional
12	João Manuel Pereira da Silva	<i>Historia da fundação do Imperio brasileiro</i>	Est. nacional
13	João Manuel Pereira da Silva	<i>Historia do Brasil de 1831 a 1840</i>	Est. nacional
14	Luiz Francisco da Veiga	<i>O Primeiro Reinado estudado à luz da sciencia ou a revolução de 7 de abril de 1831, justificado pelo direito e pela história</i>	Est. nacional
15	François-René Chateaubriand	<i>O Gênio do Cristianismo</i>	Lit. estrang.
16	C. B. Mansfield	<i>Ensaio Crítico sobre a viagem ao Brasil em 1852</i>	Obra de viagem
17	J. F. de Lisboa	<i>Apontamentos para a história do Maranhão</i>	Obra de história
18	L. Agassiz	Conversações Científicas sobre o Amazonas	Obra de viagem
19	J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe	<i>Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil, 1 ed.1845</i>	Dicionário
20	Bergier, L'abbé	<i>Dictionaire de teologie</i>	Dicionário
21	Robert Southey	História do Brasil	Dicionário
22	Tácito	<i>Anais</i>	Obra geral

Tabela por mim organizada a partir da bibliografia presente ao longo da obra *Motins Políticos*, em todos os seus volumes. Ver: RAIOL, *Motins Políticos*.

Essa pequena parcela conhecida do acervo bibliográfico disponível ao Barão de Guajará, portador de uma das maiores bibliotecas⁶⁶ particulares no Pará de seu tempo e um dos “doadores mais avultados”⁶⁷ do *Arquivo Público do Pará (APEP)*, simboliza uma prova da constante interação que esse intelectual tinha com variadas idéias político-sociais que circulavam no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Foram os contatos com as concepções desses autores, expoentes de pensamentos difundidos tanto na Europa como no Brasil, que possivelmente auxiliaram Raiol a construir os textos de seus diversos estudos, particularmente *Motins Políticos*, apresentando referenciais teóricos e metodológicos que expressavam suas vivências político-sociais. Uma parte dessas leituras influenciou o Barão em seus métodos de pesquisa e investigação histórica, que tinham como característica a valorização do uso de documentos oficiais na intenção de apresentar a narrativa histórica como “verdade” e “lição” para as gerações futuras, aproximando-se do historicismo/positivismo em voga no período.

Nesse sentido, a perspectiva de Raiol em buscar a “verdade histórica”, aliada a uma vasta pesquisa documental por vezes parece aproximar da narrativa de *Motins Políticos* dos métodos de pesquisa e concepções do historiador alemão Leopold Von Ranke (1795-1886), “maior e mais importante entre os historiadores e teóricos alemães da história do século XIX”⁶⁸ e responsável pela produção de trabalhos históricos que valorizavam a identidade nacional da pátria alemã, e para quem a história permitia “a visão de determinado momento, em sua realidade, em sua evolução específica (...) de um ponto de vista isento”.⁶⁹

Para Ranke, a “História Universal não apresenta apenas o espetáculo de combates fortuitos, ataques recíprocos, Estados e povos que se sucedem”⁷⁰, ela se constitui numa área de conhecimento muito mais ampla, pois, mesmo baseada no “estudo de novas fontes”,⁷¹ particularmente na documentação oficial produzida nos gabinetes e assembleias dos estados nacionais, as percepções e investigações de Leopold Von Ranke em relação à narrativa histórica não se limitaram aos acontecimentos políticos, pois esse intelectual alemão escreveu sobre “a

Reforma e a Contra-Reforma (...) não rejeitou a história da sociedade, da arte, da literatura ou da ciência”.⁷²

Não é difícil perceber a valorização das fontes documentais de origem oficial nas páginas do livro *Motins Políticos*. Seu autor, o Barão de Guajará, ressaltou em diversos momentos de sua narrativa a busca constante por uma “verdade dos fatos”,⁷³ como enfatizou que sua pesquisa demandou muita dedicação pelo excessivo tempo nas visitas em “secretarias e arquivos públicos, na tradição e documentos, as searas abandonadas à voracidade dos daninhos e dos tempos”.⁷⁴ Por vezes ainda Raiol, tal como afirmava Ranke pensava em uma história diplomática, só que no caso de Raiol seria aquela que estabelecia a relação entre o Pará e as demais províncias e que buscava um certo equilíbrio nacional e internacional.⁷⁵

Domingos Antônio Raiol, contudo também, por vezes parece especialmente no último tomo de sua obra, que foi tocado pelo contato por ideais que chamaríamos de “Positivistas”. Sua fé nos documentos oficiais, nos homens de letras e na educação como agentes do progresso era muito ampla. Como enfatiza Fransico Falcon no século XIX os historiadores da escola metódicas e positivistas insistiam em:

Distinguir a verdade histórica da ficção literária a partir da separação entre dois tipos de fatos – os verdadeiros, que podem ser comprovados, e os falsos, de comprovação impossível. Logo, a história – história política, como vimos – é ciência e não arte, consistindo a tarefa do historiador não evocar ou reviver o passado, como desejavam os românticos, mas sim em narrar/descrever os acontecimentos desse passado *tal como eles realmente se passaram*.⁷⁶

Como ressaltava Jacques Le Goff, o método adotado para alcançar essa “exatidão” na narrativa histórica centrava-se na chamada “escola metódica ou positivista”, desenvolvida ao longo da segunda metade do século XIX, e que se caracterizava por valorizar a lógica na qual “todo o historiador que trate de historiografia (...) recordará que é indispensável o recurso ao documento”,⁷⁷ aqui compreendido em fontes

como “memórias, diários, cartas, informes diplomáticos e narrativas originais dos testemunhos visuais”.⁷⁸

No tocante a perspectiva da elaboração de uma pesquisa “imparcial” com fontes escritas oficiais visando a “verdade histórica”,⁷⁹ as evidências indicam que o texto do Barão do Guajará teve perceptivelmente vários pontos de ligação com o modelo proposto por Leopold von Ranke e seus “seguidores” Ernest Lavisse, Fustel de Coulanges e Charles Seignobos, pertencentes ao historicismo francês que também “alimenta-se, em grande parte, na escola historiográfica alemã (...) que delas extraíram as bases teóricas”⁸⁰ cujos trabalhos se caracterizaram por serem “mais intolerantes que o mestre”⁸¹ em razão de excluírem a “história não-política da nova disciplina acadêmica”.⁸² Contudo Raiol, sobretudo nos tomos iniciais de sua obra ainda abrigava em sua narrativa o romantismo nacionalista, a tipologia subjetivista de seus personagens, fazendo algumas vezes notar nele um pouco de intelectuais como Jules Michelet na França. A grande diferença é que longe de visualizar no povo paraense e brasileiro ares revolucionários positivos, Raiol percebia na revolução paraense de 1835 as raízes desagregadoras da nação. Raiol era, pois, um romântico pouco revolucionário e isto certamente está ligado a sua experiência pessoal e de militância política no Pará Imperial. Mesmo assim sua obra também é romântica. Por vezes privilegiava a temática política em termos macros para entender um cenário paraense. Outras vezes, não tratava desse tema de forma “exclusiva”, enfocando também outros pontos muitas vezes desprezados pelos mais conhecidos historiadores metódicos de sua época, como por exemplo, em suas referências sobre a natureza, o negro, o índio e a mulher, no texto de *Motins Políticos*. Raiol, finalmente, deve ser mais compreendido no domínio de fronteiras do que como discípulo direto de qualquer um destes teóricos.

Ademais, mesmo considerando a enorme riqueza de concepções e métodos abordados na narrativa do Barão de Guajará, não há como dissociar a elaboração dessa obra das ligações intelectuais, sociais e políticas vivenciadas por esse autor, que dividia sua vida profissional entre o exercício político e o campo intelectual.

Formado num ambiente marcado pelo pensamento romântico, e depois influenciado pelas idéias científicas difundidas nos livros, jornais e salões, Domingos Antônio Raiol é um historiador e não apenas

um organizador de documentos sobre a Cabanagem como grande parte de seus críticos e analistas apresentaram até recentemente. Sua obra *Motins Políticos* pode ser caracterizada como a prova evidente dessa afirmativa, ao possuir em suas páginas uma grande variedade de pensamentos políticos, sociais, científicos e literários difundidos no Brasil ao longo do segundo reinado.

Finalmente, se o Império entrou em colapso e os títulos nobiliárquicos hoje nada mais valem que a simples lembrança de uma época, ainda há razões para se estudar homens como Raiol e sua obra *Motins Políticos*. O presente estudo ajudou a consolidar a história de um súdito de D. Pedro II, mas também analisou a obra de um historiador atento com os avanços e modernidades de uma época e, sobretudo um homem de Estado envolvido com as questões mais relevantes de seu mundo, desde os estilos narrativos da época até problemas sociais como a escravidão e imigração. Desta forma, analisar a obra de Domingos Antonio Raiol não é fazer um elogio a um “grande homem”, mas compreender, a partir da vida desta pessoa pública imperial, os meandros do poder político e suas articulações com o universo das letras durante a segunda metade do século XIX.

Artigo recebido em junho de 2011

Aprovado em agosto de 2011

NOTAS

- * Mestre em História Social da Amazônia pela *Universidade Federal do Pará* (UFPA).
- ** Professora do Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da UFPA. Doutora em História Social pela *Universidade Estadual de Campinas*. Atualmente orientadora de Luciano D. B. Lima.
- ¹ Ver dentre outros: DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Cia das Letras, 1987; DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*. Um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2005; GUSDORF, Georges. *As revoluções da França e da América*. Rio de Janeiro: Record, 1993; BAILYN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003.
- ² MOREL, Marco. *As transformações nos espaços públicos*. Imprensa, atores, políticas e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005; ABREU, Marcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: EDUNESP, 2006.
- ³ ILDONE, José. *Noções de História da Vigia*. 1ª Ed. Belém: Edições CEJUP, 1991, p. 57.
- ⁴ *Ibidem*.
- ⁵ “Exposição apresentada pelo Exm.º Senr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente da província do Gram-Pará ao Exm.º Senr. Tenente Coronel Henrique de Beaurepaire Roham no dia 29 de maio de 185”. Belém: Typ. De Santos & filhos, 1856, p. 14.
- ⁶ “Relatório com que o Exm. Sr. Dr. José da Gama Malcher 1º vice-presidente da província, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas Filho em 27 de abril de 1881”. Belém: Typ. Do Diario de Noticias, 1882, p. 7.
- ⁷ Ver: HURLEY, Henrique Jorge. *A Cabanagem*. Belém: Livraria Clássica, 1936; CRUZ, Hernesto. *Nos Bastidores da Cabanagem*. Belém: Oficina Gráfica da Revista de Veterinária, 1942; ROCQUE, Carlos. *Cabanagem: epopéia de um povo*. Belém: Imprensa Oficial, 1984; CHIAVENATO, José Júlio. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984; DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. 2ª ed. Belém: Cejup, 1990; SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992.
- ⁸ RICCI, Magda. “O Império Lê a Colônia: Um Barão e a história da civilização na Amazônia”. In: BEZERRA NETO, José Maia. & GUZMÁN, Décio de Alencar (orgs.). *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 29.
- ⁹ *Ibidem*.
- ¹⁰ SCHWARTCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 142.

¹¹ *Ibidem*.

¹² ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 7ª Ed. Vol. I. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1980, p. 306.

¹³ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 11.

¹⁴ ROMERO, *História da literatura brasileira*, p. 60.

¹⁵ SCHWARTZ, *O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, pp. 148-149.

¹⁶ CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues da. *A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia a era Vargas*. 3ª Ed. São Paulo: Unesp, 2007, p. 113.

¹⁷ ROMERO, *História da literatura brasileira*, Vol. III, p. 787.

¹⁸ VENTURA, Tereza. *Nem bárbarie nem civilização*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 51.

¹⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 97.

²⁰ VENTURA, *Estilo Tropical*, p. 10.

²¹ VERÍSSIMO, José. *Estudos brasileiros (1877-1885)*. Belém: Editores Tavares Cardoso, 1889, p. 6.

²² *Ibidem*.

²³ CRUZ, Ernesto Horácio da. “Domingos Antônio Raiol (Barão do Guajará) patrono da cadeira nº 13”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém: Imprensa Universitária do Pará, Vol. XIV, 1966/1967, p. 134.

²⁴ RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. 2ª Ed. Vol. I. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970, p. 7.

²⁵ *Ibidem*, p. 7.

²⁶ RICCI, *O Império Lê a Colônia*, p. 30.

²⁷ DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorhe Zahar Ed, 2000, p. 8.

²⁸ De acordo com Norbert Elias, o termo civilização, começou a ser gradualmente utilizado pelos círculos nobres, letrados e burgueses europeus a partir de finais do século XVIII, para designar sinteticamente uma série de costumes, comportamentos e condições de uma sociedade como o todo. Posteriormente, passou a distinguir ou comparar povos e nações como “civilizadas” ou “bárbaras” e para expressar as diversas formas de desenvolvimento científico ou artístico dos povos. No Brasil, o

termo “civilização”, adaptado realidade escravista foi amplamente utilizado no século XIX, cujas elites vislumbravam na França ou Inglaterra os principais “modelos” de “civilização” a serem imitados. Ver: ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²⁹ Implementado através de um decreto de 7 de dezembro de 1866, apoiado em grande parte pelos deputados pertencentes ao Partido Liberal, o projeto de Abertura do rio Amazonas a livre navegação internacional contribuiu entre outros aspectos para a expansão econômica da região, com a introdução sistemática de navios a vapor de diversos países. Ver: BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. *O Valle do Amazonas: Estudo sobre a livre navegação do Amazonas, estatísticas, produções, commercio, questões fiscaes do valle do Amazonas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1866. MEDEIROS, Fernando Sabóia de. *A liberdade de navegação do Amazonas; relações entre o Império e os Estados Unidos da América*. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

³⁰ Sobre este mundo abolicionista nesta segunda metade do século XIX na Amazônia ver: BEZERRA NETO, José Maia. *Por todos os meios legítimos e legais: as lutas contra a escravidão e os limites da abolição (Brasil. Grão-Pará: 1859-1888)*. São Paulo: Tese de Doutorado, PUC/SP, 2009.

³¹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém: Paka-tatu, 2002, p. 82.

³² RICCI, *O Império Lê a Colônia*, p. 29.

³³ RAIOL, Domingos Antônio. *Apud AZEVEDO, J. Eustachio de. Literatura Paraense*. 3ª Ed. Belém: SECULT, 1990, p. 42.

³⁴ PENNA, Domingos Soares Ferreira. *Obras completas de Domingos Soares Ferreira Penna*. Vol. II. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971, p. 217.

³⁵ RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Vol. II. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970, p. 412.

³⁶ CRUZ, Ernesto Horácio da. *Procissão dos séculos: vultos e episódios da história do Pará*. Belém: Imprensa Oficial, 1952, p. 125.

³⁷ *Idem, Ibidem*.

³⁸ CRUZ, “Domingos Antônio Raiol (Barão do Guajará) patrono da cadeira nº 13”, p. 137.

³⁹ CRUZ, *Procissão dos séculos*, p. 184.

⁴⁰ *Idem, Ibidem*.

- ⁴¹ *Idem*, p. 185.
- ⁴² *Idem*, p. 125.
- ⁴³ RAIOL, Domingos Antônio. *Apud* RÊGO, Clovis da Silva de Moraes. “Obras de Domingos Antônio Raiol”. In: *Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará*. Belém: SECDET, Tomo XII, 1981, p. 328.
- ⁴⁴ NETO, José Maia Bezerra. “O passado colonial através de José Veríssimo”. In: BEZERRA NETO & GUZMÁN (orgs.), *Terra Matura*, p. 41.
- ⁴⁵ MEIRA, Octávio. *A primeira república no Pará; desde o crepúsculo da Monarquia até o golpe de estado de 1891*. Belém: Falangola, 1981, p. 15.
- ⁴⁶ VERÍSSIMO, *Estudos brasileiros*, p. 221.
- ⁴⁷ SCHWARTZ, *O Espetáculo das raças*, pp. 30-31.
- ⁴⁸ *Idem*, p. 31.
- ⁴⁹ BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979, p. 80.
- ⁵⁰ “Carta pela qual Vossa Majestade Imperial há por fazer mercê ao Bacharel Domingos Antônio Raiol do título de Barão do Guajará. Documentário”. In: RAIOL, Domingos Antônio. *Obras de Domingos Antônio Raiol – Barão de Guajará*. Belém, GRAFISA, 1970, p. 418.
- ⁵¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 172.
- ⁵² *Idem. Ibidem*.
- ⁵³ REIS, Artur César Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, pp. 176-177.
- ⁵⁴ RAIOL, Domingos Antônio. “O Brasil Político”. In: *Obras de Domingos Antônio Raiol*, p. 181.
- ⁵⁵ *Idem. Ibidem*.
- ⁵⁶ LEE, Anna. *O sorriso da sociedade: intriga e crime no mundo literário da belle époque*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 138.
- ⁵⁷ CRUZ, “Domingos Antônio Raiol (Barão do Guajará) patrono da cadeira nº 13”, p. 137.
- ⁵⁸ VERÍSSIMO, *Estudos brasileiros*, pp. 203-204.
- ⁵⁹ BROCA, *A vida literária no Brasil – 1900*, p. 97.
- ⁶⁰ MEIRA, *A primeira república no Pará*, p. 53.

- ⁶¹ SILVA, Inocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo IX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 136.
- ⁶² MEIRA, Clovis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Orgs). *Introdução à Literatura no Pará*. Vol. I. Belém/PA: CEJUP, 1990, p. 325.
- ⁶³ *Idem*, Vol. II, p. 73.
- ⁶⁴ *Idem*, p. 74.
- ⁶⁵ *Idem*, p. 72.
- ⁶⁶ Apesar da aquisição de algumas informações importantes relacionadas ao acervo da biblioteca pessoal de Domingos Antônio Raiol, não foi possível o acesso direto a mesma, em razão do Solar onde ela se localiza, antiga moradia do Barão e atual sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, encontrar-se fechado aos pesquisadores, em virtude de uma ampla restauração realizada sob a égide do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN).
- ⁶⁷ *Annaes da Bibliotheca do Archivo Publico do Pará*. Tomo primeiro. Belém: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1902, p. XV.
- ⁶⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. Trad. Bernardo Leitão... [et. al.]. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 89.
- ⁶⁹ RANKE, Leopold von. *Leopold von Ranke: história*. Organizador Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática, 1979, p. 146.
- ⁷⁰ *Idem*, p. 179.
- ⁷¹ STONE, Lawrence. “O resurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história”. In: *Revista de história*. São Paulo: UNICAMP, 1991, p. 15.
- ⁷² BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução Francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997, p. 18.
- ⁷³ RAIOL, *Motins Políticos*, Vol. III, p. 939.
- ⁷⁴ *Idem*, Vol. II, p. 414.
- ⁷⁵ *Idem, Ibidem*.
- ⁷⁶ FALCON, Francisco. “História e poder”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 66.
- ⁷⁷ LE GOFF, *História e memória*, p. 529.
- ⁷⁸ ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Trad. Andréa Dore. Bauru/SP: EDUSC, 2006, p. 110.
- ⁷⁹ RAIOL, *Motins Políticos*, Vol. I, p. 211.

⁸⁰ DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Trad. Dulce Oliveria Amarante dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2003, p. 66.

⁸¹ BURKE, *A Escola dos Annales*, p. 18.

⁸² *Idem, Ibidem*.